



Eixo Temático

8. Questões Teórico- Metodológicas da História da Educação

Título

CECINE: ESQUECIMENTO E MEMÓRIA NUM PERCURSO DE PESQUISA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

Autor

Miguel Jocélio Alves da Silva

Instituição

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - SP
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA - CE

E-mail

migel.silva@gmail.com

Palavras-chave

Esquecimento; Memória; CECINE e Ciências

Resumo

Este texto que ora apresento é parte do trabalho final da disciplina “Tópico especial em teoria da História e historiografia: desafios historiográficos – testemunhos e trajetórias biográficas, realizada no primeiro semestre de 2015 no Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Nele busco de forma inicial e preliminar, apresentar parte do percurso da minha pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, na linha de Ensino de Ciências e Matemática, onde pretendo construir uma narrativa histórica sobre a chegada do Movimento Matemática Moderna no Ceará, no período entre 1960 e 1980. Esta parte do percurso trata especificamente da busca de fontes escritas sobre o Centro de Ensino de Ciências do Nordeste – CECINE, realizada na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, campus de Recife, no período de março a junho de 2015.

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Texto Completo

Os Primeiros Passos

A partir da busca das fontes para esta pesquisa, os primeiros passos foram dados em direção a Osasco – São Paulo, no Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil - GHEMAT, no primeiro semestre de 2014. Os primeiros indícios coletados no GHEMAT me levaram a uma fonte em Fortaleza – Ceará, que apontou que o Movimento Matemática Moderna chegou no Ceará, na segunda metade da década de 1960, por uma ponte edificada pelo Centro de Ensino de Ciências do Nordeste – CECINE¹.

Com estes indícios e informações coletadas no Ceará resolvi que seria necessário ir a Recife – Pe, na tentativa de encontrar os arquivos que pudessem de alguma forma, apontar caminhos que contribuíssem com a tarefa da escrita de uma parte da narrativa da pesquisa.

Por opção metodológica e inspirado no livro de Paul Ricoeur (2007), “A memória, a história e o esquecimento”, este texto abordará na ordem em que está apresentada no título, estes dois elementos – esquecimento e memória –, pois entendo que esta forma de apresentar o texto, com referência nestes dois elementos, representa melhor o percurso que fiz e os desafios dele decorrentes, onde busquei uma articulação entre a procura das fontes e indícios que pudessem contribuir com o entendimento e a representação histórica do CECINE, e as minhas reflexões teóricas com alguns autores do campo da História, proporcionado pela disciplina cursada no primeiro semestre de 2015, na Pós-Graduação em História da UFPE, como Ricoeur (2003 e 2007); Araújo & Santos (2007); Seixas (2001), que tratam sobre a memória e o esquecimento.

Aqui, esquecimento e memória, além de se apresentarem de acordo com as suas definições lexicais, também constituem-se em dois elementos imbricados, não lineares e complexos, e ao trazê-los à esta narrativa, dialogo com Paul Ricoeur, ao mesmo tempo em que, com ele, pretendo encadear presente e passado, na tentativa de, articulando esquecimento e memória, encontrar referências para a minha pesquisa.

¹ De acordo com o Professor Ascendino Silva, ex-coordenador da CECINE e um dos autores do livro, CECINE - TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO NORDESTE, até 2004 o CECINE tinha o nome original de Centro de Ensino de Ciências do Nordeste. A partir deste período passou a ser denominado de Coordenadoria de Ensino de Ciências, conservando a mesma sigla.



Esta é uma tarefa complexa e multifacética, dado que nem todos, pessoas e/ou instituições, guardam suas memórias, ou pelo menos sabem que as guardam, até o momento em que são estimuladas a buscar no íntimo das suas vivências, lembranças de um tempo que nem sempre pode ser acessado diretamente, apenas por perguntas diretas e objetivas, mas por vezes, só são acessadas por tentativas persistentes e evocativas, após o estabelecimento de “um vínculo de amizade e confiança”, como nos recorda Bosi (1994, p. 37).

A busca de fontes sobre o CECINE realizada em Recife – Pe, não se restringiu à UFPE, mas neste texto ficarei restrito a esta instituição, dado que foi lá que este Centro de Ensino de Ciências construiu a sua estrutura física na década de 1960, com quatro áreas de laboratórios, salas de aula, biblioteca, espaços administrativos, e onde desenvolveu grande parte das suas atividades, dado que foram constituídos também núcleos do CECINE em outros estados do Nordeste, com atividades similares.

Dos dois elementos que discutirei neste texto, iniciarei pelo esquecimento, pois foi este que primeiro revelou-se no âmbito deste percurso da pesquisa, quando das minhas primeiras incursões na busca das fontes sobre o CECINE na UFPE.

Esquecimento

Quando me dispus a buscar as memórias do CECINE, já tinha ideia dos obstáculos e desafios que poderia encontrar pela frente, orientado que fui pelas informações de Silva (2013), quando se refere às dificuldades encontradas no seu trabalho de pesquisa jornalística para o livro sobre o CECINE, publicado em 2013. Segundo ela:

Levantar a história do CECINE era uma tarefa que, de início, parecia impossível. Embora dedicado à ciência, o órgão – que hoje ocupa metade de seu espaço original no campus da UFPe – não guardou os documentos de sua história, nem o farto material didático produzido em seu primeiro terço de funcionamento. Além disso, parecia difícil encontrar os professores que haviam lecionado e/ou estudado lá há 30 ou 40 anos. A Biblioteca Central da UFPe lista quase 17 títulos do CECINE em seu acervo, mas apenas quatro estão disponíveis para consulta. (SILVA, 2013, p. 55)



O relato desta jornalista já trazia uma perspectiva de esquecimento. Um esquecimento institucional, que por razões ainda não identificadas, também esteve presente quando busquei por diversas vezes, os documentos sobre o CECINE. Isto cria, a meu ver, lacunas de memória, certo hiato para uma construção narrativa da história deste Centro de Ensino de Ciências. Isto não significa que documentos em si mesmos representem a história deste Centro, ou de qualquer outra instituição, mas são fontes por meio das quais se pode construir uma narrativa histórica, a partir de uma análise e inferência crítica das mesmas, a partir das questões que levantamos a elas.

Vale a pena trazer aqui as contribuições de Ricoeur (2007), quando este filósofo trata sobre o esquecimento como um elemento inquietante, tanto para a memória, quando para a história:

De fato, o esquecimento continua a ser a inquietante ameaça que se delineia no plano de fundo da fenomenologia da memória e da epistemologia da história. Sob esse aspecto, ele é o termo emblemático da condição histórica [...] (RICCOEUR, 2007, p. 423).

Neste trecho o autor nos ajuda a pensar não só na complexidade do esquecimento, mas também no sentido e no significado deste, tanto para a memória, quanto para a história, auxiliando a refletir sobre o meu percurso de pesquisa na UFPE, além de contribuir com a própria escrita da narrativa a que me propus.

Postas estas circunstâncias e referências sobre o esquecimento e o silêncio que ameaçam a memória e a história do CECINE, não foi o desânimo que me tomou, mas a determinação de cumprir minha tarefa, pois estava guiado por aqueles que já fizeram percurso de pesquisa histórica e lembram, como Bacellar (2008), que:

Cabe ao historiador desvendar onde se encontram os papéis que podem lhe servir, muitas vezes ultrapassando obstáculos burocráticos e a falta de informação organizada, mesmo em se tratando de arquivos públicos (BACELLAR, 2008, p. 46).

Conduzido pelas recomendações e reflexões já estabelecidas, fui em busca dos lugares e das pessoas, que de alguma forma, pudessem indicar caminhos para a pesquisa de campo e a coleta de dados e informações. Neste sentido procurei, como



primeiro contato, um dos autores do livro sobre o CECINE, o Professor Ascendino Silva, ex-coordenador daquela Coordenadoria² e Professor do Centro de Tecnologia e Geociências – CTG - UFPE. Busquei com este professor, rastros e indícios para o meu percurso de busca na UFPE, na perspectiva de que estes rastros e indícios já palmilhados por ele para a elaboração do livro sobre o CECINE, pudessem me ajudar de alguma forma, mas também me levar a outras possibilidades ainda não visitadas, e com isto, enriquecer o meu trabalho de busca pelas fontes.

O segundo contato que fiz foi na sede da CECINE, que fica na entrada do Curso de Química Industrial da UFPE, na Av. Professor Artur de Sá, Cidade Universitária – Recife – PE. Lá fui pela primeira vez na segunda quizona de março de 2015. Procurei falar com o coordenador atual da CECINE, para solicitar-lhe acesso aos arquivos. Esta primeira tentativa não obteve êxito, pois só encontrei uma bolsista, que não teve condições de me ajudar. Fui à CECINE pelas três semanas seguintes à primeira, falei com uma das secretárias, além de outra bolsista, mas a informação que recebia era de que não havia nenhum arquivo, nenhuma memória.

Na quinta semana de visita à CECINE falei com outra pessoa, para além das que já havia falado. Era um técnico educacional daquela Coordenadoria, que me informou que para acessar os documentos, se houvesse algum, seria necessário uma autorização da Coordenação. Resolvi então protocolar na CECINE um pedido formal de acesso aos arquivos daquela Coordenadoria, que foi dirigido ao seu Coordenador.

Solicitei ao técnico que me atendeu, autorização para fotografar as áreas externas da CECINE. Nesta atividade, além de fotografar placas alusivas aos aniversários do CECINE, identifiquei um corredor com caixas de livros, misturados com material de limpeza e armários sem utilização, num local com umidade, lixo e aparentando estarem abandonados.

Fiz o registro fotográfico destes livros e das suas condições, mesmo com o cuidado necessário, devido ao local onde se encontravam. Este registro foi importante para que também este quadro imagético, não caísse no universo do meu próprio

² Quando me referir ao período que vai de 1964 a 2004 usarei o termo CECINE, como Centro e no masculino, e quando me referir ao período atual, usarei o termo CECINE como Coordenadoria e no feminino.



esquecimento sobre as condições em que se encontravam possíveis fontes sobre o CECINE.

Neste momento inicial do percurso da pesquisa e pelos contatos feitos na CECINE até este momento, vale a pena lembrar Ricoeur (2007, p. 424), quando este autor ao se referir aos “malefícios evidentes e os benefícios presumidos do esquecimento”, traz uma analogia, ou seja, invoca uma imagem onde adentra-se num desfiladeiro. Este era o sentimento que me tomava a cada contato com os servidores da CECINE, mas no meu caso, já havia adentrado neste desfiladeiro e não poderia retornar, o meu desafio era a sua travessia. Segui.

Enquanto não tinha resultados mais objetivos na CECINE, busquei, orientado pelas informações do livro sobre este Centro de Ensino de Ciências, outros espaços que pudessem de alguma forma ter guardado material com registros sobre este Centro. Para isto fui ao Departamento de Engenharia Química, antigo Instituto de Química, que segundo dados do referido livro, foi onde este Centro teria nascido.

Visitei a Editora da UFPE para verificar se lá havia algum arquivo com exemplares das suas publicações, porque tinha uma informação que o CECINE havia publicado livros, revista, boletins, e que estes teriam sido publicados por esta editora. Lá me informaram que eles não têm nenhum arquivo com exemplares das suas publicações.

Busquei consultar também o setor de convênios da UFPE, com o intuito de encontrar alguma cópia dos convênios do CECINE da década de 1960, 1970 e 1980, que tinham como objetivo apoiar as ações deste Centro, na divulgação da Ciência e na formação de Professores desta área.

Estas buscas das fontes como os livros, os convênios, atas e programas em alguns lugares da UFPE traziam consigo vários silêncios, “não ditos”, obstáculos e desafios, que iam sendo superados minimamente. Ao refletir sobre estas questões com os autores com quem dialoguei até aqui, formulo uma ideia de que o meu papel como pesquisador, foi o de buscar os rastros da memória, para dar conta de uma escrita sobre este percurso e os seus desafios, e com isto juntar e agregar elementos para a constituição da minha narrativa mais geral.



Na sexta semana de visitas à CECINE fui informado que o coordenador se encontrava, mas estava em reunião. Ele já tinha autorizado o acesso aos livros no despacho do ofício que foi encaminhado à CECINE. No entanto, ainda não havia conversado com ele para mostrar-lhe a situação em que estes se encontravam, e a impossibilidade, por isto, de acessá-los.

Imediatamente o Coordenador da CECINE articulou a transferência dos livros para a sala 19 daquele Coordenadoria. Ele solicitou que eu fizesse o acompanhamento da transferência dos livros, que por questões de disponibilidade de pessoal, e pelo local onde estes se encontravam, levou dois dias para ser concluída.

O coordenador da CECINE também solicitou que eu fizesse uma primeira revista e limpeza nos livros, o que seria necessário se eu quisesse acessar alguma memória guardada naquele material, dado que não poderia esperar o destacamento de um servidor para fazer este trabalho, e nem mesmo sabia se isto seria feito.

No período de mais de um mês de pesquisa na busca de indícios e fontes na UFPE, nas caminhadas ao sol e à chuva, nos mais variados setores desta instituição, fui por diversas vezes tomado pela sensação que há um “império do esquecimento”, como lembra Seixas (2001, p. 37). Esta sensação do império do esquecimento, é pelo menos, em relação ao CECINE, que constituiu-se parte do meu objeto de pesquisa mais geral, pois foi com a pesquisa sobre a sua memória, e no confronto com o seu esquecimento, que lidei durante todo o período em que estive realizando as buscas de fontes na UFPE.

Com os obstáculos postos e minimamente superados, as contribuições e reflexões dos autores com quem dialoguei até aqui, formulo uma idéia de que o meu papel como pesquisador neste percurso, foi sempre buscar os rastros da memória para dar conta de uma justa e necessária escrita de uma narrativa, tentando romper o silêncio e o esquecimento, para dar conta daquilo que estava buscando, ainda que os caminhos não estivessem tão claros e nem fossem fáceis.

É sobre estes rastros de memória que foram encontrados, e que de alguma forma podem trazer elementos para a história do CECINE, que discorrerei a seguir.

Memória

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



No percurso até aqui trilhado, onde o esquecimento foi mais presente, há um momento onde esta perspectiva muda, que é exatamente quando chego ao Arquivo Geral da UFPE, lugar já identificado por Silva (2013, p. 55), como um lugar onde havia alguma memória do CECINE.

Neste arquivo encontrei relatórios anuais das atividades do CECINE dos anos de 1967, 1971, 1972, 1973 e 1974. Identifiquei que estes relatórios produzidos eram enviados ao Secretário Geral dos Órgãos Deliberativos dos Conselhos Superiores da UFPE, o que me trouxe indícios de que neste local poderia encontrar os relatórios que estavam faltando.

Neste momento do percurso, onde pela primeira vez senti que estava acessando fontes importantes da memória do CECINE, ainda que fossem fontes oficiais, pois se tratavam de relatórios produzidos pelo próprio Centro de Ensino de Ciências, e no bojo da escrita deste relato, considero importante trazer ao diálogo novamente Ricoeur (2003), para ajudar a pensar os pontos de intersecção entre rastro e esquecimento, quando argumenta:

O que a noção de rastro e esquecimento têm em comum é, antes de tudo o mais, a noção de apagamento, de destruição. Mas este processo inevitável de apagamento não esgota o problema do esquecimento. O esquecimento tem igualmente um polo ativo ligado ao processo de rememoração, essa buca para reencontrar as memórias perdidas, que embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas. (RICOEUR, 2003, p. 06)

Esta argumentação é importante, porque nos coloca neste caminho da busca de elementos deixados no caminho da memória do CECINE, que como rememoração, procura rastros e vestígios, que são deixados no próprio processo de tentativa de apagamento. A sua relevância, não se dá apenas pelas dificuldades e desafios já enfrentados e relatados no tópico sobre esquecimento, mas porque também num dos relatos de testemunho presente no livro sobre o CECINE, há informações de queima de livros e arquivos em vários momentos no pátio daquele Centro de Ensino de Ciências, no final dos anos 1980. Fogueiras eram feitas, e com o fogo produzido, o que se dissepava no ar, para além da fumaça, eram ações e personagens, registros de memória



e história deste Centro, que na primeira década, após a sua criação, esteve ligado diretamente ao gabinete do Reitor da UFPE, creio, dada a sua importância para esta instituição universitária naquele período.

Aqui vale a pena dialogar com Araújo & Santos (2007, p. 95) , quando estes autores nos lembram que nem sempre sociedades, diríamos também instituições, fazem opção pelas suas lembranças, por variadas e complexas razões, que aqui não terei condições de discutir.

Apesar das tentativas de apagamento de memórias do CECINE registradas neste percurso, há rastros e vestígios que não podem ser completamente apagados, e foi na busca destes rastros e vestígios, que fui à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas – PROGEPE, localizada no prédio da Reitoria da UFPE, que fica fora do campus da universidade. Nesta Pró-Reitoria queria acessar as fichas dos professores da UFPE, que foram coordenadores ou professores do CECINE nas décadas de 1960, 1970 e 1980, na busca de rastros e indícios das suas ações e relações com este Centro de Ensino de Ciências.

Neste percurso de procura por fontes, busquei também acessar as atas do Conselho Universitário na Sala dos Conselhos Superiores da UFPE. Estas atas estavam em ordem cronológica e iniciavam-se em 1956, ainda quando a Universidade Federal de Pernambuco era Universidade do Recife - UR. Verifiquei inicialmente a ata de Fundação da UR, e posteriormente as atas a partir de 1964, procurando encontrar indícios da constituição do CECINE, a partir da ordem do dia que estas atas traziam no seu cabeçalho.

Buscava basicamente informações sobre o CECINE, mas também como, a partir do conteúdo das atas, a UFPE se portava diante da Ditadura Militar, a partir de abril de 1964, uma vez que foi neste período que este Centro de Ensino de Ciências foi constituído, o que poderia trazer alguma relação, talvez a partir de uma memória não revelada. Aquela que em Proust (1971) apud Seixas (2001, p. 47), “rompe o hábito”, ou seja, está além do que é dito, do que foi escolhido para se dizer, é aquela que está nas estrelinhas, tanto na fala, como nos textos, nas imagens, nos filmes, ou em outros tipos de fontes.



A busca naquelas atas, portanto, pelo seu significado e importância, me impelia a buscar além da memória voluntária, revelada, também a memória involuntária, aquela que é dita sem a percepção de quem a diz, mas que pode revelar muito sobre os acontecimentos e situações.

Após o registro das atas do Conselho Universitário voltei para desenvolver as atividades de limpeza e separação dos livros na sala 19 da CECINE. Numa das tardes de verificação dos livros, ao ser aberta a sala 05 daquela Coordenadoria, onde parece ficar guardado materiais de outro programa da Pró-Reitoria de Extensão da UFPE, a qual aquela Coordenadoria está vinculada atualmente, a bolsista que me atendia identificou outros materiais e me levou até lá para verificar se eram do CECINE. Lá estavam mais três caixas de livros e um conjunto de pastas com documentos deste Centro. Este material não tinha sido identificado, nem havia informação que ele existia até então. Todas as informações dos servidores era que não havia nenhum outro material, além dos livros que estavam no corredor e que foram colocados na sala 19 da CECINE.

Ao pensar no surgimento deste último material, reflito que ele apareceu, se colocou, quis ser visto para constituir-se em memória. Parece até que esta memória queria ser revalada. No entanto reflito também que isto só foi possível pela persistência, que deve acompanhar o pesquisador, para que ele não desista nas primeiras dificuldades, não aceite as negativas simplesmente, o esquecimento e o silêncio como definitivos, e que também esteja disponível para algumas tarefas que não estão diretamente ligadas às suas atividades de pesquisador, o que requer paciência, humildade, tranquilidade, persistência, além de certa dose de sorte.

Aqui reflito também que a história não está colada nestes materiais. Ainda que eles possam trazer algo sobre o CECINE, é somente com as perguntas e questionamentos que tivermos a estes, que podemos lhe dar sentido e constitui-los em fontes importantes. Isto só será possível se estabelecermos com estes materiais uma relação crítica, pois é das reflexões a partir desta relação, que se pode hoje escrever uma narrativa histórica mais significativa. Foi isto que consegui refletir e trazer aqui, a partir deste percurso realizado no primeiro semestre de 2015 na UFPE.



Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *História, memória e esquecimento: Implicações políticas*. Revista Crítica de Ciências Sociais [online], número 79, 2007.

BACELLAR, Carlos. *Uso e mau uso dos arquivos*. In: PINSKY (org.). *Fontes históricas*. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Conferência proferida em inglês em março de 2003 em Budapeste sob o título “*memory, history, oblivion*” no âmbito de uma conferência internacional com o título “*Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism*”. Texto em português disponível em: http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia. Acesso em 12.06.2015.

_____. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. IN: BRESCIANI; NAXARA (orgs.). *Memórias e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

SILVA, Ascendino Flávio Dias e. *CECINE: transformações no ensino de ciências no Nordeste*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.